

MATOS, Denilson Pereira de; SAÚDE, Conceição de Maria Costa. Refletindo sobre a Libras a partir de conteúdo de aulas de teorias linguísticas em curso de graduação de Letras/Libras. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

REFLETINDO SOBRE A LIBRAS A PARTIR DE CONTEÚDO DE AULAS DE TEORIAS LINGUÍSTICAS EM CURSO DE GRADUAÇÃO DE LETRAS/LIBRAS

Denilson Pereira de Matos¹

Conceição de Maria Costa Saúde¹

denilson@cchla.ufpb.br

prof.conceicaosaude@gmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta dois objetivos principais: o primeiro é propor uma reflexão que tenta colocar a Libras não apenas como um mecanismo de inclusão, mas como objeto de reflexão linguístico-teórico. Já o segundo, que se faz instrumento do primeiro, é refletir sobre algumas questões teórico-práticas que estão presentes no universo do debate sobre o ensino de Libras, mais especificamente no nível superior. O cumprimento dos objetivos colocados ocorrerá através da análise da Unidade VIII do Livro Língua Portuguesa e a Libras – Tópico: Sociolinguística, da apresentação de algumas situações de desafios em produzir o material didático-instrucional e corrigir as atividades no Moodle – AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem) para alunos da graduação do curso de Letras Libras da UFPB/virtual, abordando os diferentes níveis de proficiência dos alunos por meio da observação e sugestão de tradução de seus textos. Acrescem, por último, as possibilidades efetivas de demonstração e ilustração da vertente teórica sociolinguística em situações de uso da Libras, destacando as variantes linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Libras; Sociolinguística; Variantes Linguísticas.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta dois objetivos principais: o primeiro é propor uma reflexão que tenta colocar a Libras não apenas como um mecanismo de inclusão, mas como objeto de reflexão linguístico-teórico, fazendo-o por meio do segundo objetivo que é refletir sobre algumas questões teórico-práticas que estão presentes no universo do debate sobre o ensino de

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Grupo de Pesquisa Teorias Linguísticas de Base (TLB).

Libras, mais especificamente no nível superior. Há muito, debate-se sobre a necessidade de incluir os surdos na sociedade, no entanto, esta inclusão nem sempre se concretiza, pois o indivíduo surdo é obrigado a aprender a língua portuguesa para poder acessar o mundo letrado. Com os objetivos colocados, procuramos um movimento contrário a este, apresentando algumas das diversas situações de desafio em produzir material didático-instrucional e avaliar as atividades no Moodle AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), para alunos da graduação do curso de Letras Libras da UFPB/virtual, e as inquietações para produzir tal material de acordo com a expectativa do conteúdo programático.

Sobre o curso de Letras/Libras da UFPB propriamente dito é possível afirmar que representa um marco na história da Universidade, bem como em todo território nordestino, pois além do próprio obstáculo natural no tratamento de uma língua em processo de reconhecimento cultural e inserção social, ainda que já exista uma lei que preveja a Libras como uma segunda língua oficial, no território de todas as federações, existe a dificuldade em lidar com os espaços interacionais sob a égide da virtualidade.

A disciplina do curso de graduação Letras/Libras – UFPB considerada neste trabalho foi a de Teorias Linguísticas, pois coincide com a disciplina ministrada pelos autores deste artigo. Desde a confecção da primeira unidade do instrucional da disciplina, a equipe (tutor conteudista, tutor intérprete e professor) esteve diante de um grande desafio, que foi sendo superado pela equipe multilíngue composta de usuários da língua portuguesa, usuários da Libras (ouvintes) e surdos (não oralizados). Convém salientar que a equipe com esta composição gerou algumas dificuldades iniciais, previsíveis, pois demoramos algum tempo para encontrar a metodologia mais apropriada para que pudéssemos interagir produtivamente. Num segundo momento, no entanto, esta multiplicidade foi responsável pela construção de um material pensando também em alunos surdos, usuários de Libras e não apenas em usuários da língua portuguesa.

Nossa investigação para a confecção deste artigo baseou-se nos relatos de alunos nos fóruns de apresentação via plataforma Moodle, observada, inclusive, a interação com e do professor da disciplina, do tutor do conteúdo e da tutora/intérprete de Libras. O outro material de observação que chamaremos de texto base é o conteúdo presente na Unidade VIII do Livro Língua Portuguesa e a Libras – Teorias e práticas 2, (2010, 142-144), Matos D.P. e Saúde C.M.C. Tópico: Sociolinguística.

1. ANALISANDO UNIDADE DO LIVRO SOBRE SOCIOLINGUÍSTICA

A percepção de que o social é preponderante para a análise das questões de ordem linguística sustenta a linha teórica denominada sociolinguística. Nesta vertente não apenas o que está dentro da língua, propriamente dita, deve ser considerado – uma posição mais formalista - mas o que é externo a língua também pode influenciar os processos da língua e na língua.

Desta forma, se por um lado, na língua portuguesa, devemos evitar ou pelo menos ajustar alguns usos a situações apropriadas, como em construções do tipo:

“A GENTE VAMO LÁ”.

“ARRENTE TEM DE SAÍ MERMO”

Por outro, estas ocorrências demonstram que estes usos podem sinalizar informações, também, muito importantes se considerarmos que a língua é um fato social e como tal deve ser entendida dentro deste espaço: a sociedade.

Imaginemos um professor de língua que apenas se preocupe com as regras da gramática normativa de sua língua. Como ficam os registros e usos que cada aluno/indivíduo trás consigo? Como saber lidar com os espaços linguísticos que diferem daqueles apresentados na escola? Sobre isto o exemplo apresentado a seguir pode auxiliar (Matos, 2007: 14):

*Dois amigos, andando pela rua, conversando, distraídos.
A poucos metros, dois buracos da CEDAE (Companhia Estadual de Águas e Esgotos) de aproximadamente 2 metros, sem tampa. Cada buraco na direção de cada um dos amigos. Como estão distraídos, não percebem os buracos e caem dentro deles. O primeiro, grita:
- Alguém poder-me-ia salvar!!!!
O segundo grita: - Socorro!!!!*

Perguntas, a partir deste exemplo:

- Quem será atendido, auxiliado mais prontamente, na queda dentro do buraco?

Provavelmente, a resposta será o segundo. E por quê? De alguma forma, os transeuntes terão mais facilidade de entender e interagir com a segunda maneira de pedido de ajuda.

Vejamos agora um exemplo em Libras:

Encontro de um intérprete com dois tipos de alunos distintos.

Um aluno de turma mais formal e outro de uma turma de jovens surfistas.

Pergunta:

- Haverá diferença entre os sinais feitos por eles, no que diz respeito a Libras?

Provavelmente, Sim.

Segundo Ferreira-Brito (1995:02):

As línguas de sinais são línguas naturais porque, como as línguas orais, surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato, enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.

Diante da necessidade de trocas comunicativas, os surdos facilmente se adaptam a situação em que estão inseridos. É notório que existem variações linguísticas nas línguas de sinais em todo o Brasil e mediante os usos e costumes locais surgem às comunidades surdas.

A Libras é a língua utilizada pela comunidade surda nos centros urbanos que mantêm convivência entre si nas associações, escolas, praças, shoppings etc., distribuídos em todo território brasileiro. É imprescindível dizer que nos âmbitos em que os surdos são reunidos, em meio às trocas culturais, adquirem e utilizam, gradativamente, a língua desenvolvida e estabelecida no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS.

Para Skliar (1999:23):

Aproximar a surdez de uma questão epistemológica nos leva a problematizar a normalidade ouvinte e não a alteridade surda, ou seja, nos leva a inverter o problema: em vez de entender a surdez como uma exclusão e um isolamento no mundo do silêncio, defini-la com uma experiência e uma representação visual; em vez de submeter os surdos a uma etiqueta de deficientes da linguagem, compreendê-los como fazendo parte de uma minoria linguística.

Atitudes que geram exclusão e isolamento podem ocorrer, mesmo que não intencionalmente, por parte de pais que tem o oralismo (língua oral auditiva) como único e prioritário meio de comunicar-se, com a possibilidade de decorrerem da influência de profissionais da área médica ou educação. Sendo assim, tais profissionais apresentam aos

pais, tão somente, a possibilidade da aquisição da língua oral-auditiva, língua majoritária, tornando os surdos minoria linguística e estrangeiros no seu próprio país.

Para Behares (1993:50) “As crianças surdas [filhas] de pais surdos acabam sendo sujeitos melhor preparados para a tarefa escolar curricular, para o desenvolvimento da leitura e da escrita e também, mesmo que pareça paradoxal, para a aquisição da língua oral”. Diante disto, se faz imprescindível que a aquisição linguística se dê desde os primeiros anos de vida uma vez que, quanto mais exposto a Libras, muito mais cedo o indivíduo surdo poderá desenvolver as suas habilidades na língua portuguesa. Portanto, para que o surdo desenvolva a língua portuguesa é necessário que ele tenha aprendido e consolidado a língua de sinais. A esse respeito, Sacks (1990: 128) defende que:

Se as crianças surdas não são expostas, bem cedo, à boa linguagem ou comunicação, pode haver um atraso (até mesmo uma interrupção) da maturação cerebral, com uma contínua predominância dos processos do hemisfério direito e uma falta de “transferência” hemisférica. No entanto, o que parece importante destacar é a importância de estimular o surdo para o aprendizado das duas línguas, dando a elas o seu devido grau de importância e preponderância na vida dos surdos.

Podemos observar que a língua de sinais não é a língua usual da família da maioria dos surdos. O surdo em uma família de ouvintes desenvolve outros meios para comunicar-se com seus familiares, às vezes, por meio de um código simplificado de sinais caseiros, com algumas palavras do português. Neste caso, a língua de sinais só irá assumir sua importância na vida da pessoa surda quando ela entrar em contato com a sua comunidade e, possivelmente, com os diversos grupos sociais que rodeiam seu ambiente familiar. Neste momento, a língua de sinais começa a se estabelecer como elo entre a língua da convivência informal e da demonstração íntima.

Com as dificuldades advindas do processo de aquisição da Libras, encontra-se diversos níveis de proficiência na língua. A seguir, poderemos observar estes diferentes níveis nos textos dos alunos da graduação em Letras/Libras da UFPB/virtual.

1.1 OS DIFERENTES NÍVEIS DE PROFICIÊNCIA EM LIBRAS E AS INTERSEMIOSES COM A ESTRUTURA GRAMATICAL DO PORTUGUÊS

Como foi colocado, é possível observar na comunidade surda, uma variedade de repertórios verbais entre os membros da comunidade, com alguns surdos muito proficientes em Libras, mas com pouca proficiência em português; outros pouco proficientes em Libras,

mas bem oralizados; outros proficientes em mais de uma língua de sinais; outros bons leitores de português e inglês; outros proficientes nos registros simplificados, etc.

Seguindo essa lógica, apresentamos a seguir um trecho escrito por alunos surdos, nas atividades de fórum de apresentação da disciplina de teorias linguísticas:

Aluna 1

“Olá , sou tenho surda profunda , fiz o magistério da formatei depois ano do presente , me surpresa que fazer um passei no vestibulando que fez o curso de letras / Libras . depois já conseguir um empregam que trabalhando para a professora da criança com surdo que tem atendimento para os alunos que a Libras de brincar com dialogo de comuns em todos precisa de sinal que sobre avaliação para o desenvolvimento e melhor. Obrigada pelo professor um prazer de conhecendo que tenho duvida me resposta!” (Texto extraído da plataforma Moodle. EaD virtual Letras Libras/UFPB, 1º sem. 2011)

Veja-se, como seria esta mesma expressão traduzida para a estrutura gramatical do português:

“Olá sou surda de nível profundo, me formei em magistério, depois de um ano fiz o vestibular em Letras/Libras e para minha surpresa passei. Em seguida consegui um emprego como professora de Libras para crianças surdas, tendo em vista que quanto antes a criança surda seja apresentada aos sinais, melhor se dá o desenvolvimento cognitivo da mesma. Agradeço desde já, pois sei que minhas dúvidas serão respondidas. Prazer em conhecê-lo”.²

Sabemos que cada aluno ouvinte chega a uma escola ou ambiente virtual, trazendo consigo sua própria gramática. De igual forma, os alunos surdos peculiarmente se apropriam da Libras, expressando-se cada qual com estruturas às vezes distintas, sintaxe e organização de acordo com a sua percepção de mundo, cultura e, conseqüentemente, sua identidade cultural. Isto também influencia no uso dos sinais e no modo de escrever.

Vejamos mais dois exemplos de trechos escritos por alunos surdos e, em seguida a sugestão de tradução:

“Sou surdo mora (Cidade) eu trabalho de instrutor de Libras para 2 anos (local de trabalho) aluno ovintes e surdos também eu estudar de licenciatura em letras-libras e meu poló (Cidade). Eu aprender muito meu conhecimento como aprender por que estudar importante mais que pesquise muitos letras-libras futuro melhor futuro melhor por professor de Libras para surdos desenvolvimento é bom.” (Texto extraído da plataforma Moodle. EAD virtual Letras Libras/UFPB, 1º sem. 2011).

² Tradução livre feita pelos autores do artigo.

Vejamos agora, como seria com a tradução para a estrutura gramatical do português:

“Sou surdo, moro nesta cidade, trabalho como instrutor de Libras há 2 anos em uma instituição de ensino, ministro aulas para ouvintes e surdos, curso licenciatura em Letras Libras. Tenho adquirido muito conhecimento e percebi a importância de ser um pesquisador para assim como professor de Libras poder contribuir com o desenvolvimento cognitivo dos surdos.”³

“Olá, moro em outro estado, porque escolhi do curso de Licenciatura em Letras Libras, é um curso para surdo como desenvolver de LIBRAS como é uma língua de sinais da própria surda. Como cursos geralmente só para ouvintes que surdo já tinha um curso de Letras LIBRAS e igualdade o superior na pública dos povos. Aprender das aulas práticas também uma visão teoria que apresentar os surdos. Acreditar que vai ter profissional e dos professores surdos e ouvintes em LIBRAS”. (Texto extraído da plataforma Moodle. EAD virtual Letras Libras/UFPB.1º sem, 2011).

Vejamos agora, como seria com a tradução para a estrutura gramatical do português:

“Olá, moro em outro estado, escolhi o curso de licenciatura em Letras Libras, porque acredito que este curso me ajudará a desenvolver a língua de sinais e por consequência a cultura surda. Devido o grande número de cursos voltados para os ouvintes, surgiu então o Letras Libras/EAD dando assim a oportunidade para os surdos fazerem uma graduação numa universidade pública. Podendo assim, absorver conteúdos práticos e teóricos dando oportunidade para sermos profissionais qualificados tanto surdos como ouvintes”.⁴

Observa-se a partir dos textos dos alunos, que mesmo havendo ausência de conjugação de verbos e falta de conectivos na Libras, os alunos surdos conseguem passar seus interesses e intenções por meio de expressões em português, conforme solicitado. Na percepção de que cada texto é traduzido dentro das normas gramaticais do português, nota-se que há estrutura nas frases, buscando-se garantir a fidedignidade das intenções dos usuários originais do texto. Assim, tudo depende do momento, deve-se estar pronto a fazer o uso linguístico adequado a cada situação social.

Conforme Matos e Saúde (2010: 143):

Neste sentido, a proposta de abordagem a partir das bases teóricas da Sociolinguística abre o debate para que se verifique o que realmente importa, quando importa e por qual motivo importa. Assume-se uma lógica que se afasta do classificatório “certo” e “errado” e se aproxima do “adequado” e “inadequado”.

³ Tradução livre sugerida pelos autores do artigo.

⁴ Tradução livre sugerida pelos autores do artigo.

Discussões a cerca do preconceito linguístico (Bagnó, 1999), por exemplo, que são, ao menos, inspiradas pelos princípios da teoria da variação, vão em direção de posturas como a de Evanildo Bechara, gramático renomado que nas últimas edições de sua gramática de língua portuguesa afirma o seguinte:

Há de distinguir-se cuidadosamente o exemplar do correto, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constitui a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.(...) modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente. (Bechara,1999, 51- 52)

Torna-se necessário avaliar qual a forma linguística mais adequada para uma dada situação, o que mostra que diferentes variações podem ser utilizadas a depender do contexto situacional. Vale salientar, porém, que o contexto situacional é apenas uma das motivações da variação. Diante disso, veja-se abaixo alguns apontamentos sobre as diferentes motivações da variação linguística, destacando aquela relacionada a fatores geográficos para efeito de exemplificação na Libras.

1.2 ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LIBRAS

Coseriu (1982) propõe que as variantes linguísticas (em qualquer língua, inclusive a Libras) possuem motivações distintas que as tornam reais, realizáveis e suscetíveis à compreensão entre os usuários. Tais distinções podem ser organizadas em três grupos que corresponderiam a três tipos de variantes: diatópicas, diastráticas e diafásicas. A seguir, apresentamos algumas demonstrações de como é possível o estudo da Libras sob uma abordagem sociolinguística, considerando a noção de variante diatópica.

As variantes diatópicas seriam aquelas que são motivadas por questões geográficas (fator espaço). Por exemplo, como acontece com o português no Brasil, se utilizarmos uma expressão do tipo:

a) Ontem assisti ao Jornal *Nacional*.

O termo em destaque quando pronunciado⁵ por:

- Um carioca (Rio de Janeiro), seria algo do tipo /nacionaU/

⁵ A transcrição oral proposta não pretende uma transcrição fonética do termo.

- Por um gaúcho (dos pampas, no Rio Grande do Sul), teríamos algo como /nacionaL/
- Por um nordestino (do sertão paraibano), poderíamos encontrar algo como /nacionÁ/

Este tipo de conclusão já está consagrada nos compêndios dos estudos linguísticos do Brasil há algum tempo. De fato, o ponto de reflexão neste trabalho é motivado exatamente por tais abordagens – como da Sociolinguística. Contudo, o objeto a ser observado não é a língua portuguesa, mas a Libras.

Nesta acepção, os signos representados por sinais também sofrem variações. Pode-se perceber ao analisar as imagens seguintes, essa variação na Libras. Observando-se os quatro exemplos (expressos por meio das figuras 1, 2, 3 e 4, que trazem sinais utilizados em regiões diferentes do Brasil, pode-se afirmar o seguinte: nos exemplos das Figuras 1 e 2, há um mesmo sinal para significados diferentes; no caso dos exemplos das Figuras 3 e 4 ocorre algo semelhante em que o mesmo sinal serve para “amazonas” e “guaraná”. Verifiquem-se as figuras a seguir:



Figura 1: Sinal da palavra afinidade.



Figura 2: Sinal da palavra biscoito.

⁶ Todas as imagens de face e corpo são de uma das autoras deste artigo: Profa. Conceição de Maria Costa Saúde (UFPB/Rio Tinto).



Figura 3: Sinal da palavra Amazonas.



Figura 4: Sinal da palavra guaraná.

Tanto nos exemplos das figuras 1 e 2 como em 3 e 4, os sinais são realizados com a mesma locação, mesma configuração de mão, mesmo movimento e expressão não manual (expressão facial/corporal). No entanto, assim como em qualquer outra língua, inclusive a portuguesa, dependendo do contexto geográfico é possível que haja distinções. Vale ressaltar que apesar dos regionalismos serem bem presentes nas línguas de sinais, a comunicação acontece da mesma forma. Conforme Quadros (2006: 184-185):

Isso significa que os surdos precisam expressar suas formas de ser por meio da cultura, da língua, do conhecimento. O surdo precisa dar referência aos significados que constituem sua cultura, sua naturalidade como um povo e os aspectos que tornam esse povo diferente de outro povo. Os surdos, enquanto povo surdo têm necessidade da identidade cultural que identifica a diferença. “Povo surdo” representa as comunidades surdas que transcendem questões geográficas e lingüísticas. Os surdos que celebram uma língua visual-espacial por meio do encontro surdo-surdo.

Seguindo a mesma ambiência reflexiva, é possível destacar outras variantes em Libras, nas quais ocorre o inverso dos exemplos das Figuras 1, 2, 3 e 4. O significado é o mesmo, mas os sinais são diferentes, conforme a região do Brasil. Nas Figuras 5, 6, 7, 8, 9 e 10 podemos verificar exemplos de sinais que são executados de forma diferente de acordo com a região, mas que possuem o mesmo significado:

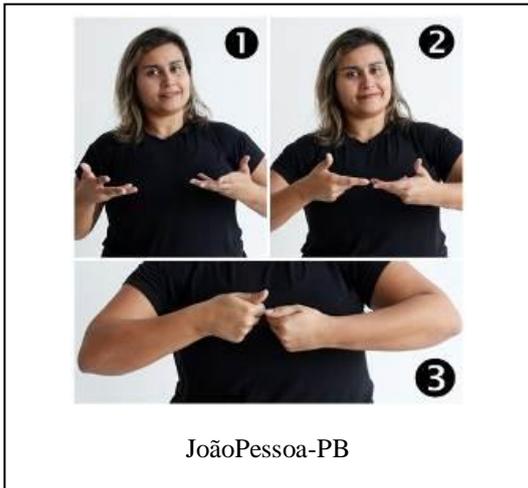


Figura 5: Sinal da palavra maravilhoso.



Figura 6: Sinal da palavra maravilhoso.



Figura 7: Sinal da palavra bode.



Figura 8: Sinal da palavra bode.

⁷ Todas as imagens de face e corpo são de uma das autoras deste artigo: Profa. Conceição de Maria Costa Saúde (UFPB/Rio Tinto).



Figura 9: Sinal da palavra porco.



Figura 10: Sinal da palavra porco.

As línguas têm um conjunto de regras compartilhadas por um grupo de pessoas, o que acontece com qualquer língua. Tais regras de uso estão suscetíveis aos interesses destes usuários. Assim, qualquer variação que gere comunicação sempre será bem-vinda às comunidades em que tais variantes surgem (ampliando-se para outras comunidades ou não).

Convém acrescentar que há questionamentos latentes, na atualidade, que dizem respeito à dúvida quanto aos sinais produzidos num país de extensão continental como o Brasil. Até que ponto todos os sinais produzidos são os mesmos em todos os estados, da mesma forma que são idealizados, por exemplo, na prova de proficiência em Libras do MEC? Neste sentido, um estudo mais cauteloso e aprofundado seria capaz de trazer à tona as diferenças que permeiam o uso da Libras no Brasil e que poderiam diminuir as distorções e a falsa impressão de que uma variação da Libras possa ser melhor que outra, por conta da região que a populariza. Em outras palavras, conforme os estudos e pesquisas de ordem linguística forem se ampliando, mais os usuários da Libras terão a ganhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a proposta do material do texto base (Unidade VIII do Livro Língua Portuguesa e a Libras – Tópico: Sociolinguística), foi capaz de estimular a pesquisa linguística no sentido de que se pudesse refletir, por meio da sociolinguística, a Libras propriamente dita, vista e compreendida como língua constituída e não apenas um código substituto do português.

Consequentemente, é possível afirmar que mesmo havendo regionalismos, diferentes culturas, diversidade de signos, permanece a lógica de que o importante é comunicar, e, para isto, o usuário de qualquer língua fará os ajustes que considerar apropriados. Obviamente não seria diferente com os usuários da Libras que o fazem com a mesma maestria. Acreditamos que uma aula de teorias linguísticas num curso de graduação e letras e/ou Libras que discuta a sociolinguística, por exemplo, observando não apenas as ocorrências em português, mas também em Libras representa uma possibilidade concreta de inserção, pois a reflexão do surdo sobre seu próprio código vai trazer a ele, aluno da graduação em Libras, por exemplo, a sensação efetiva de que sua língua é de fato língua, não por que está amparada por uma lei, mas por que é suscetível às análises e propostas teóricas das teorias linguísticas do Séc.XX.

Enfim, nossa investida pretendeu aguçar o interesse pelo estudo da Libras, esta língua tão importante e que carece de pesquisas e descrição linguística mais aprofundada, em busca de se compreender seu uso e sua modalidade gesto-visual, promovendo a inclusão social de fato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
2. BECHARA, E. (1999). *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
3. BEHARES, L. E. Nuevas corrientes en la educación del sordo: de los enfoques clínicos a los culturales. *In: Cadernos de Educação Especial*. Universidade Federal de Santa Maria. N. 4,1993.
4. COSERIU, Eugenio. Sentido y tareas de la dialectología. *Cadernos de Lingüística*, México, A.L.F.A.L., n. 8, 1982.
5. FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma Gramática da Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Babel,1995.
6. MATOS, Denilson P. de. SAÚDE, Conceição de Maria Costa. *Teorias Linguísticas. IN: Letras/Libras, teoria e prática*. João Pessoa: ED.UFPB, 2010.
7. MATOS, Denilson P. de. *História de Linguística*. Rio de Janeiro: UCB, 2007.
8. QUADROS, Ronice Müller de. *Estudos surdos I*. Petrópolis: Arara Azul, 2006.
9. SACKS, O. *Vendo Vozes*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

10. SKLIAR, Carlos. *A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da Normalidade*. Educação & Realidade, v. 24, n. 1, jul./dez 1999.

ABSTRACT: This work presents two main objectives: the first is to propose a reflection that tries to insert the Libras not only as an inclusion mechanism, but as the object of a theoretical linguistic reflection. The second one, which is an instrument of the first, is to reflect about some theoretical-practice questions which are present in the universe of the debate about the teaching of Libras, more specifically in the graduation level. The accomplishment of the objectives placed will happen through analysis of the Unit VIII of the Book *Língua Portuguesa e a Libras – Tópico: Sociolinguística*, of the presentation of some situations of challenges in producing the instruction–didactical material and correcting the activities in the Moodle - VLE (Virtual Learning Environment) for students of graduation in the course of Modern Languages *Libras* of the virtual/UFPB, approaching the different levels of proficiency of the students through observation and suggestion of translation of their texts. Add, at last, the effective possibility of demonstration and illustration of the theoretical social linguistic side in situations of use of *Libras*, highlighting the linguist variation.

KEY-WORDS: Libras; Sociolinguistics; Linguistic Variation.

Recebido no dia 29 de junho de 2012.

Aceito para publicação no dia 09 de agosto de 2012.